

A Lâmpada da Memória

Trecho de famoso texto do britânico John Ruskin, que foi um dos mais influentes críticos de arte de todos os tempos, além de ser desenhista e aquarelista. Seus ensaios sobre Arte e patrimônio são essenciais para quem estuda preservação, principalmente na Arquitetura.

X. Não há verdadeiramente sob esse aspecto qualquer perda atual para a vida futura. Cada ação humana se reveste de honra e de graça e, em todo caso, de autêntica grandeza se fitam as coisas que estão por vir. É tal a capacidade de olhar à distância, de exercitar a tranquila e confiante virtude da paciência, que, para além de todos os aproxima do seu Criador. Não há ação, não há arte cuja grandeza não se possa medir por esse critério. Portanto, quando construirmos, pensemos que estamos construindo para sempre. E não o façamos para a nossa satisfação de hoje, nem somente para a satisfação do momento.

A Lâmpada da Memória

Que a nossa obra seja tal que nossos descendentes nos agradeçam, e pensemos, enquanto posamos pedra sobre pedra, virá o dia em que aquelas pedras serão tomadas por sagradas, porque foram as nossas mãos a tocá-las. Pensemos também que os homens dirão, olhando a obra e o material trabalhado de que são feitas: “Vejam! Isto foi feito pelo vosso pai!”. Porque a glória verdadeiramente maior de um edifício não reside nem nas pedras nem no ouro de que é feito. A sua glória reside na sua idade, e naquele senso de larga dissonância, de severa vigilância, de misteriosa participação, inclusive de aprovação ou de condenação, que nós sentimos presentes nos muros que há tempos são levemente tocados pelas efêmeras ondas da história dos homens. É no seu eterno testemunho diante dos homens, no seu plácido contraste com o caráter transitório de todas as coisas, naquela força que atravessando o escoar das estações, das eras, o declínio e o surgimento das dinastias, a mudança do vulto da terra e dos limites do mar, mantém a sua beleza escultórica por um tempo insuperável, reunindo épocas esquecidas a épocas que seguiram, e que constitui a identidade, assim como concentra as simpatias das nações. É naquela dourada, patina imposta pelo tempo, que devemos procurar a verdadeira luz, a verdadeira cor e a verdadeira preciosidade da

arquitetura. Até que um edifício não tenha assumido esse caráter, até que não tenha sido confiado à fama e consagrado pelas ações dos homens, até que os seus muros não tenham sido testemunhas de sofrimento e os pilares não se tenham erguido sobre a sombra da morte, ele não terá senão que a sua própria existência, destinada como é, a durar mais tempo que os objetos naturais do mundo circurdante, até que possa ser presenteado com aquele tanto de linguagem e de vida.